

Predicados nominais com *fazer* no português medieval*

LUCÍLIA CHACOTO

(Universidade do Algarve - Centro de Automática, UTL)

1. Introdução

Os verbos são habitualmente considerados predicadores por excelência e os nomes seus complementos. No entanto, em certos casos, alguns verbos funcionam como auxiliares dos nomes, eles sim o núcleo da predicação. O estudo sistemático dos nomes predicativos tem sido desenvolvido no âmbito da teoria do léxico-gramática (cf., por exemplo, M. Gross 1968, 1977, 1990, para o francês; E. Marques Ranchhod, 1990, para o português). De salientar que esta teoria considera como unidade mínima de análise a frase elementar, daí que as entradas do léxico-gramática sejam frases elementares constituídas pelos nomes predicativos e pelos seus argumentos (sujeito e complementos).

Os verbos que têm como função auxiliar os nomes predicativos denominam-se verbos-suporte, dado que apoiam flexionalmente os nomes com que se constroem, "transportando-lhes" as marcas de pessoa-número, tempo e aspecto que os predicados nominais não possuem.

Os verbos-suporte ditos elementares são em número restrito: *Ser, Estar, Ter, Haver, Dar, ...* Entre eles conta-se o verbo *Fazer*, objecto deste estudo. Ao construir-se com um nome predicativo, *Fazer* pode, com efeito, ser um verbo-suporte. A frase (a) com o *V =: prometer* é equivalente a (a'),

(a) O Tó **prometeu** deixar de fumar.

= (a') O Tó **fez a promessa** de deixar de fumar.

construção em que o *V =: fazer* tem como função auxiliar o *N =: promessa* que, apesar de formalmente ocupar a posição sintáctica de complemento directo do verbo, é, na realidade, o núcleo da predicação.

* Esta investigação foi em parte financiada pela JNICT (no âmbito dos projectos Estímulo PCSH / C / LIN / 523 / 93 e PRAXIS 2 / 2.1 / CSH / 775 / 05).

As construções nominais com *V =: fazer* em francês contemporâneo foram analisadas por J. Giry-Schneider (nomeadamente, em 1978 e 1987). De facto, até ao momento, o estudo deste tipo de construções tem consistido quase sempre na produção linguística dita contemporânea, ou seja, tem-se restringido à língua actual, não considerando usos e estruturas menos modernos (excepção feita para, entre outros, o artigo de E. Marques Ranchhod, "Construções com Verbo-Suporte no Português Medieval"). Também esta comunicação tem como objectivo a análise do português medieval, mas diz respeito especificamente ao emprego do verbo *Fazer* + nome predicativo.

2. Recolha de dados

Para que tal análise fosse possível, foi necessário constituir um conjunto de dados linguísticos. Foi seleccionado como *corpus* o texto de *A Demanda do Santo Graal*, a edição de Joseph-Maria Piel, publicada em 1988 pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda. A partir deste texto-base, procedeu-se ao levantamento e listagem das construções com *V =: Fazer*.

De notar que uma das principais fases deste estudo, e talvez a mais morosa, consiste em tentar determinar com precisão o valor deste verbo em cada ocorrência. Com efeito, são vários os valores sintácticos (e semânticos) deste verbo no texto d' *A Demanda*. Passamos, de seguida, a analisar enunciados com o verbo *fazer* que nos permitem observar alguns dos seus usos e valores.

3. FAZER verbo pleno

Enquanto verbo pleno com o sentido de "fabricar", "construir", ele ocorre em frases como:

- 1) "E fez **fazer** mui rico **moimento** ao cavalleiro." (p. 21, ls. 30-31)
- (2) "Josefes filhou um cendal vermelho e **fez** **ũa cruz** del e pregou-a no scudo com pregos bõos pequenos." (p. 35, ls. 20-21)
- (3) "ũu cavalleiro do regno de Logres (...) **fez** aqui esta **torre** que veedes." (p. 116, ls. 23-25)
- (4) "homões de sua linhagem **fezeram** aquela **ermida**" (p. 199, ls. 26-27)
- (5) "chegarom aa riba do mar e acharom i a mui fremosa **nave** na riba que Salamom e sa molher **fezeram**." (p. 423, ls. 17-19)

De referir, aliás, que nos três últimos casos é duvidoso que se trate de um verbo pleno: muito possivelmente trata-se do verbo *fazer* operador causativo sobre *fazer* verbo pleno, equivalente a *mandar fazer*. Cf., a propósito, a frase (1), onde temos claramente expressa a construção *fez fazer*.

Enquanto verbo pleno, *fazer* constrói-se com um nome concreto (*moimento, cruz, torre, ermida, nave*) e tem um significado específico: *construir, edificar*. No entanto, este verbo tem, com maior frequência no *corpus* em análise, empregos distintos:

- a) verbo operador causativo sobre um nome predicativo (cf. 4.),
- b) verbo-suporte (cf. 5.).

Se bem que nos interesse sobretudo a sua utilização enquanto verbo-suporte, não se revela possível isolar *ab initio* os enunciados em que ele exerce esta função, sem estudar de forma minuciosa e sistemática todas as construções em que ele ocorre, tanto mais que um verbo só é verbo-suporte e um nome só é predicativo em função da relação que estabelecem entre si.

Passamos, de seguida, a analisar e ilustrar ambos os usos acima referidos.

4. FAZER verbo operador causativo em *A Demanda do Santo Graal*

Os verbos operadores causativos introduzem a noção de causatividade e provocam o aparecimento de um novo argumento que desempenhará a função sintáctica de sujeito do verbo operador. Como segundo argumento, seleccionam uma frase com verbo-suporte, isto é, um verbo operador causativo opera sobre uma construção predicativa nominal. Nestas circunstâncias, o verbo-suporte pode ser apagado (ou seja, e segundo Gaston Gross, é "absorvido" pelo operador), passando a construção com verbo operador causativo a ser na aparência uma frase elementar com verbo-suporte, como refere E. Marques Ranchhod (1990, 220).

De notar que, enquanto verbo operador, *Fazer* não pode ser reduzido, contrariamente ao que sucede com o verbo-suporte, como teremos oportunidade de observar.

Vamos, pois, analisar alguns casos em que *Fazer* é um verbo operador causativo.

Em *Vop Npred* =: *fazer chaga*

(6) "Gaariet o firiu asi que lhi fez uia gram **chaga** em meo do peito" (p. 370, ls.16-17)

o *V* =: *Fazer* opera sobre *Aver*.

Gostaríamos de referir que, dada a natureza do *corpus* em análise, não nos é possível apresentar o enunciado equivalente com verbo-suporte elementar e nome predicativo. Limitar-nos-emos, por conseguinte, a dar exemplos extraídos d'*A Demanda* de construções com os mesmos nomes predicativos e respectivos verbos-suporte.

Com efeito, a frase (7) permite verificar que o *Npred* =: *chagas* se constrói com o *Vsup* =: *aver*.

(7) "nom era tam são que nom **ouvesse** ja mais de VII **chagas**" (p. 265, ls. 26-27)

Também em *Vop Npred* =: *fazer dano*

(8) "E aquella besta me **fez** tanto **dapno** donde me sempre doerei." (p. 63, l. 8)

o verbo opera sobre o *Vsup* =: *Aver*:

(9) "**averá** ende gram **dapno**" (p. 20, l. 244)

ou sobre o *Vsup* =: *Ser*:

(10) "sobejo **seria** gram **da(p)no**" (p. 2, l. 33)

No exemplo seguinte:

Vop Npred =: *fazer morte*:

(11) "fez tam gram morte em os homêes que i eram que poucos ende ficaram vivos." (p. 309, ls. 14-15)

neste caso, o verbo opera sobre o *Vsup* =: *Aver*:

(12) "aquela ora que tu pidires ta morte avê-la-as" (p. 423, l. 30)

Um último exemplo:

Vop Npred =: *fazer prazer*:

(13) "nom fiz em ella meu prazer" (p. 190, l. 31)

(14) "eu farei todo teu prazer!" (p. 74, l. 30)

O segundo enunciado seleccionado atesta que a ocorrência do determinante possessivo, apesar de implicar sujeitos diferentes para o verbo e para o *Npred* =: *prazer*, não provoca a agramaticalidade da frase, o que se verificaria se se tratasse de uma frase elementar com verbo-suporte. Com efeito, neste caso, *Fazer* é um verbo operador causativo sobre o *Vsup* =: *Aver*:

(15) "ouve tam gram prazer" (p. 6, l. 2)

5. FAZER verbo-suporte em *A Demanda do Santo Graal*

Nas construções com predicado nominal atestadas n' *A Demanda*, *Fazer* é geralmente um verbo-suporte e constrói-se quase sempre com nomes psicológicos (excepção feita para os nomes pertencentes ao campo da meteorologia).

Vejam, pois, quais as propriedades dos verbos-suporte:

Os verbos-suporte não têm distribuição característica (não impõem, por conseguinte, restrições de selecção), têm um fraco valor semântico, consistem basicamente num material morfémico, dado que são portadores das marcas de flexão que o nome predicativo não possui e podem ser reduzidos através de uma relativização, levando à formação de grupos nominais complexos:

Com o *Npred* =: *aleivosia*:

(16) "O donzel, (...) ouve gram pesar de sa madre que os criara que fezera aquel(a) aleivosia" (p. 225, ls. 24-25)

aplicamos a relativização e obtemos:

(16') A aleivosia que sa madre fezera.

e, com a redução do verbo-suporte, criamos o grupo nominal complexo:

(16'') A aleivosia de sa madre.

Deste modo, os nomes predicativos com os seus argumentos podem aparecer na posição de sujeito ou de complemento de outros predicados:

(16''') A aleivosia de sa madre fez pesar ao donzel.

Contrariamente ao que sucede com os verbos plenos, os verbos-suporte têm extensões lexicais (que simplesmente introduzem matizes aspectuais ou estilísticos). A substituição de um verbo-suporte elementar por uma sua variante não altera as propriedades sintácticas nem semânticas das expressões.

Assim, se confrontarmos a construção *Vsup Npred* =: *fazer ledice*

(17) "E quando eles acharom Tristam, (...) **fezeram** mui gram **ledice** com ele" (p. 355, ls. 16-18)

com :

(18) "**começarom** sa **lidice** mui grande" (p. 357, ls. 29-30)
verificamos que (18) ilustra uma construção em que *começar* é uma variante aspectual incoativa de *fazer*.

Em:

(19) "ella **estava em** tam gram **ledice**" (p. 160, l.22)

estar é uma variante durativa, permansiva;

e o verbo *deixar* em:

(20) "**Deixas** toda **lidice**" (p. 180, l. 10)

é uma variante aspectual terminativa.

Este nome predicativo aceita ainda outros verbos-suporte elementares. Veja-se:

(21) "Aquel dia **foi** grande **lidice** antre elles." (p. 12, l. 12)

neste caso, temos uma construção com o *Vsup* =: *Ser*.

E em:

(22) "**averás ledice** sobre todo-los teus inimigos" (p. 35, ls. 11-12)

o *N* =: *ledice* é suportado por *Vsup* =: *Aver*.

Como exemplo de variantes estilísticas, temos a par de *fazer pecado*:

(23) "que nenhũu cavalleiro desta demanda nom leve consigo dona nem donzella, senam **fará pecado** mortal" (p. 22, ls. 8-9)

a frase (24) com o *V* =: *estar*, variante lexical de *fazer* e que introduz um matiz aspectual durativo:

(24) "se vos ata aqui **stevestes em pecado** mortal" (p. 146, l. 10)

Em:

(25) "nom ha cura de homem que **jaz em pecado** mortal" (p. 106, ls. 34-35)

o *V* =: *jazer* é uma variante estilística de *estar*.

Quanto aos nomes que se constroem com os verbos-suporte, eles são o elemento nuclear da construção, isto é, a selecção dos argumentos e a estrutura sintáctica é da sua responsabilidade.

Um factor determinante para a identificação das frases com predicador nominal é a relação particular que se estabelece entre o sujeito da frase e o nome predicativo. O sujeito do verbo é também, digamos assim, o "sujeito / agente" do nome predicativo. Daí que a inserção de um complemento de *Nhum* não seja possível. Senão vejamos, dada a frase:

(26) "(nom) **errar(e)des na jura que fezeistes** quando i entrastes" (p. 244, ls. 5-6)
em que temos uma construção *N₀ fazer (a, uma) jura*, (26') não parece aceitável:

(26') * Gallaaz fez a jura de Galuam.

Também os determinantes possessivos que destruam essa relação entre o sujeito e o nome predicativo provocam a agramaticalidade da frase (cf., a propósito e para um estudo mais detalhado, Marques Ranchhod, 1990):

(26'') * Gallaaz fez a minha jura.

Por vezes, a construção com verbo-suporte e nome predicativo tem como correspondente uma outra com verbo pleno.

A construção com *Vsup Npred* =: *fazer pecado*:

(27) “E elle (...) tornou a cometer e **fazer o pecado** dante como o fazia” (p. 154, ls. 29-31)

tem como equivalente o *V* =: *pecar*:

(28) “se vos guardades de **pecar** mortalmente em esta demanda” (p. 113, ls. 2-3)

Hoje, este nome predicativo ocorre, sobretudo, com uma variante estilística de *fazer*: *cometer (um pecado)*.

Quando o nome predicativo se encontra ligado morfológica e semanticamente ao verbo pleno e as duas construções são sintacticamente equivalentes, o núcleo da predicação é um *nome deverbal (V-n)* e a relação que se estabelece entre a construção com verbo-suporte e nome predicativo e a construção verbal é uma *relação de nominalização*. De salientar que as frases apresentadas não têm relações de nominalização. Os exemplos colhidos no texto d’*A Demanda*, ilustram, no entanto, essa possibilidade.

A relação de nominalização pode, contudo, não se verificar, isto é, o verbo pleno e o nome predicativo podem estar relacionados apenas morfológicamente ou não existir um verbo correspondente ao nome. É o caso dos *Npred* =: *ledice, menagem*:

(29) “E quando **eles** acharom Tristam, ouverom mui gram prazer e **fezeram mui gram ledice com ele**” (p. 355, ls. 28-30)

(30) “todo los homens do reino de Logres lhis **fezerom menagem**” (p. 466, l. 16) que não têm como equivalentes frases com verbos plenos. Trata-se, pois, de *nomes ditos autónomos*.

Saliente-se, porém, que a relação de equivalência entre a construção verbal e a nominal pode ter existido no passado e hoje não se verificar. As razões que podem ter levado ao desaparecimento desta relação de equivalência são basicamente quatro:

a) O verbo pleno pode ter caído em desuso:

(31) “a nosso Senhor nom **prazerá** que muito reine desaqui adiante” (p. 5, ls. 31-32).

b) A construção com predicado nominal tornou-se um arcaísmo. É o caso de *fazer ajuda*:

(32) “nom sodes vos teudo de lhe **fazerdes ajuda** de todo vosso poder?” (p. 165, ls. 11-12)

Mantém-se apenas a construção com o verbo pleno *ajudar*:

(33) “ca se Deus me **ajude**, nunca tanto desejei rem como veer o bõo cavalleiro que deste scudo seer senhor” (p. 34, ls. 1-2)

(De salientar que o nome *ajuda* aceita ainda hoje outros verbos-suporte já então existentes: *dar, prestar, ser*. Quanto à construção com *aver*, este verbo foi

substituído por *ter*, como de resto aconteceu em muitos casos. Sobejamente conhecida é, porém, a transformação sofrida pelo sistema de auxiliares do português para que não nos detenhamos aqui com esta questão.)

Um outro exemplo de uma construção nominal caída em desuso é:

(34) “el cuidou a **fazer sa vingança**” (p. 332, ls. 30-31)

que surge a par da frase verbal:

(35) “estes eram os homens do mundo (...) que o melhor **vingarom** de seus imigos” (p. 23, ls. 26-27)

Este nome predicativo continua a seleccionar *ser* e *ter*, tendo desaparecido a construção com *aver*, *dar*, *fazer*, *filhar*, *prender* e *tomar vingança*.

Por último, um caso idêntico com um nome meteorológico:

(36) “começou a **fazer chuivas** e torvões e lampados” (p. 305, l. 11)

que surge paralelamente a:

(37) “começou a **chover** de rijo” (p. 305, ls. 15-16)

c) Ambas as construções podem ter caído em desuso. É o caso de *fazer chanto* e *chantear*:

(38) “começou a **fazer seu doo** e seu **chanto** por Erec” (p. 216, l. 10)

(39) “Galvam cuidou que era morto e começou a chorar e a **chantear** sa bondade e sa lealdade” (p. 195, l. 6-8)

o mesmo sucedendo com *fazer coita* e *coitar*:

(40) “**fazendo** a mais strana **coita** que nunca cavalleiro fez” (p. 145, ls. 19-20)

(41) “pois que eu demanhãa hei de morrer, nom por ti quero **coitar** minha morte” (p. 30, ls. 24-25)

e ainda com *fazer quentura* e *caentar*:

(42) “**fazia** grande **quentura** e fera e aveera-lhe assi aquella noite que el nom dormira” (p. 316, ls. 6-7)

(43) “Esta fonte que é tam fervente como se todo o fogo do mundo a **caentasse**” (p. 400, ls. 24-25)

d) As duas construções, tendo sido equivalentes no passado, podem ter sofrido uma evolução semântica distinta:

(44) “E quando vio o escudo de Galvam, conhoceo-o por i, e ouve gram pesar, ca sempre lhe **fezera amor**.” (p. 58, ls. 12-13)

(45) “creo verdadeiramente que elle é ûu corpo santo e ûu dos cavalleiros do mundo que elle mais **amava**.” (p. 119, ls. 30-31)

a frase nominal com *Vsup Npred* =: *fazer amor* e a frase verbal com *V* =: *amar*, sinónimas no período medieval, têm hoje um valor diferente.

Também a expressão *fazer doo*, nos 124 exemplos recolhidos n' *A Demanda*, nunca tem o significado que hoje lhe atribuímos: *causar pena*. Actualmente, trata-se

de uma construção com *fazer* verbo operador sobre *ter*. No período medieval, a expressão *fazer doo* era constituída pelo verbo-suporte *fazer* + nome predicativo:

(46) "Assi se aqueixava e fez seu doo el rei por seus cavalleiros que se delle partiam." (p. 24, ls. 3-4)

Assim, apesar de superficialmente parecerem semelhantes, as duas construções apresentam estruturas sintáticas e argumentos semânticos distintos (actualmente, o sujeito do verbo não é obrigatoriamente (+ activo)).

Uma das características das construções nominais no português medieval, e contrariamente ao que se verifica nos nossos dias, diz respeito à possibilidade de o nome predicativo ocupar uma posição pre-verbal (como, de resto, refere Marques Ranchhod no seu já citado estudo):

(47) "se vos creerdes a Dondinax o Salvagem, muitas **diabluras fariades**" (p. 53, ls. 8-9).

Foi ainda possível observar a existência de relações de tipo activa / passiva em que o nome predicativo e os seus argumentos são os mesmos, ocorrendo, todavia, a inversão dos argumentos. Sempre que isto se verifique temos *construções conversas*. É o caso de:

(48) "vinde adiante e **fazede o juramento** desta demanda" (p. 24, ls. 29-30)

(49) "**recebeu** logo menagem e **juramento**" (p. 446, l. 25).

Em suma:

Alguns verbos auxiliares caíram em desuso: *filhar*, *tomar**, *prender*; o mesmo sucedendo, como vimos, com alguns nomes predicativos. De igual modo, alguns nomes passaram a seleccionar verbos-suporte diferentes. Foi, aliás, o que aconteceu com certos nomes predicativos em relação ao *Vsup* =: *fazer*. Julgamos, no entanto, poder afirmar que as propriedades das construções nominais são muito semelhantes às actuais: existência de construções conversas, relações de nominalização e nomes autónomos, entre outros.

6. Conclusão

De referir a dificuldade que subjaz à análise de um estágio da língua temporalmente tão distante. Com efeito, avaliar os enunciados quanto à sua aceitabilidade nem sempre é possível, já para não falar na quase impossibilidade de sermos nós, falantes actuais da língua, a gerarmos esses enunciados.

Apesar de o texto de *A Demanda do Santo Graal* ter sido analisado de forma exhaustiva, nem sempre foi possível determinar com clareza as propriedades de algumas construções com nomes predicativos, dado o seu pequeno número de ocorrências. Muitos predicados nominais encontram-se atestados uma única vez. É o caso de construções com nomes predicativos como, por exemplo, *acolhimento*, *covardice*, *destorva*, *diabluras*, *ganho*, *misura*, *sacramento*. Assim, as con-

* "Tomar" ainda hoje ocorre como verbo-suporte em construções como "tomar uma bebida", equivalente de "beber", mas o seu uso parece menos frequente.

clusões são parciais e dizem respeito exclusivamente ao *corpus* em análise. Para que pudéssemos generalizar, tornar-se-ia necessário alargar este estudo a outros textos do mesmo período, uma vez que só é possível determinar as propriedades distribucionais dos nomes predicativos (selecção e co-ocorrência) através da sua análise em contexto. Esta é, aliás, uma das premissas do léxico-gramática que, como referimos anteriormente, considera a frase elementar como a unidade mínima de análise léxico-sintáctica.

As questões levantadas por este tipo de estudo são inúmeras e apenas foi possível abordar superficialmente algumas. Os dados agora recolhidos serão oportunamente analisados com maior detalhe num estudo a desenvolver futuramente.

BIBLIOGRAFIA

- GIRY-SCHNEIDER, Jacqueline. 1978. *Les nominalisations en français. L'opérateur "faire" dans le lexique*, Genève: Droz.
1986. "Les noms construits avec faire: compléments ou prédicats?", *Langue Française* 69, p. 49-63.
1987. *Les prédicats nominaux en français. Les phrases simples à verbe support*, Genève: Droz.
- GROSS, Gaston. 1989. *Les constructions converses du français*, Genève: Droz.
- GROSS, Maurice. 1968. *Grammaire transformationnelle du français. Syntaxe du verbe*, Paris: Cantilène.
1977. *Grammaire transformationnelle du français. Syntaxe du nom*, Paris: Cantilène.
1990. *Grammaire transformationnelle du français. Syntaxe de l'adverbe*, Paris: Asstril.
- MARQUES RANCHHOD, Elisabete. 1990. *Sintaxe dos Predicados Nominais com Estar*, *Linguistica* 12, Lisboa: CLUL-INIC.
1995. "Les Vsup issus du latin ESSE et STARE dans les langues romanes", *Linguisticae Investigationes*, XIX: 2, Amsterdam: John Benjamins B. V., p. 265-288.
- No prelo. "Construções com Verbo-suporte no Português Medieval", *Boletim de Filologia*, XXIII, Lisboa: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.